



Todos querem estar no palco, mas ninguém quer limpar o banheiro do teatro

Autor:

PIERO FRANCESCHI

Entenda porque o digital desconstruiu a lógica do valor do esforço invisível

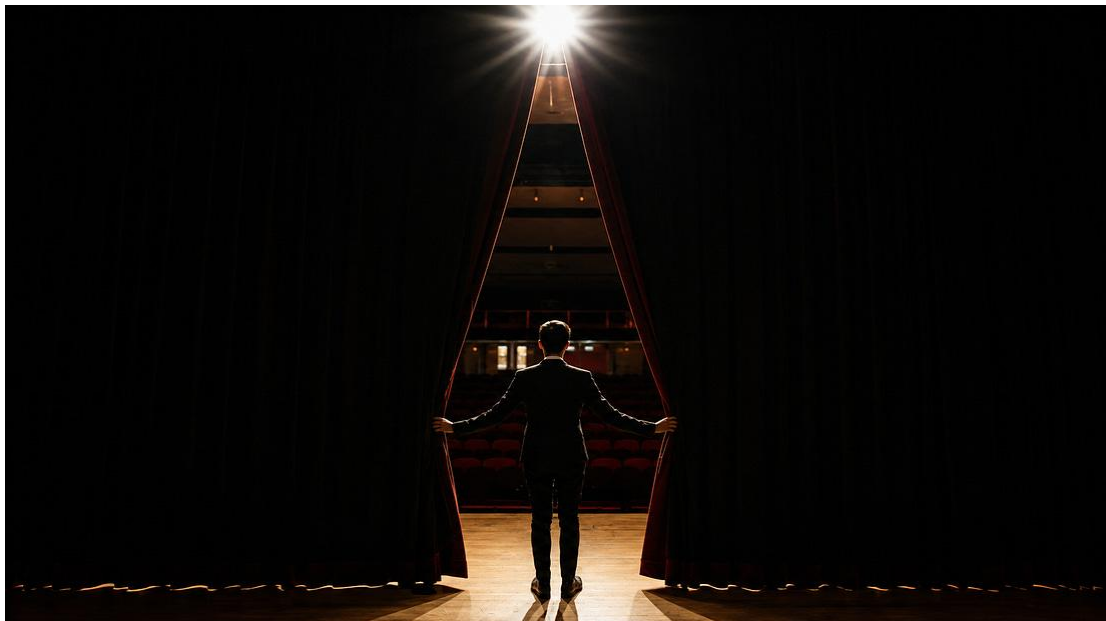
A. A cultura do palco sem bastidor

O problema não é querer palco. Todo ser humano deseja, em alguma medida, ser visto, reconhecido e aplaudido por aquilo que constrói. O problema começa quando uma cultura inteira passa a desejar o palco sem aceitar o teatro. Queremos a luz, mas não a montagem. Queremos o aplauso, mas não o ensaio. Queremos a estreia, mas não a repetição silenciosa. Queremos o prestígio de aparecer, mas recusamos a parte ingrata, anônima e necessária que permite que qualquer coisa digna de reconhecimento permaneça de pé.

O banheiro do teatro é a metáfora exata porque ninguém compra ingresso para vê-lo. Ele não aparece no cartaz, não recebe crítica, não entra na foto oficial e não participa do momento do aplauso. Mas, se ele estiver sujo, o teatro inteiro perde dignidade. A experiência desaba por aquilo que não deveria chamar atenção. É assim que funciona todo trabalho real.

A parte invisível quase nunca gera prestígio, mas sustenta a possibilidade de o prestígio existir. Sem bastidor, o palco é apenas vaidade suspensa no ar.

Durante muito tempo, a vida foi organizada por ritmos mais lentos e por trajetórias mais visíveis. O valor das coisas era medido pelo que se construía ao longo do tempo. Havia esforço, espera, frustração e, entre um passo e outro, algum progresso reconhecível. O sucesso não era apenas um instante isolado, mas uma história. Tinha espessura, contexto e consequência. A comparação existia, mas ainda estava limitada pelo mundo concreto, pelas pessoas próximas e pela experiência possível.



Esse arranjo foi quebrado quando a régua mudou. O espelho pelo qual passamos a nos avaliar deixou de ser o mundo vivido e passou a ser um fluxo contínuo de cenas editadas. As redes sociais consolidaram um palco permanente onde a vida alheia aparece como espetáculo ininterrupto. Vemos o lançamento, não o rascunho. Vemos a palestra, não os anos de estudo. Vemos a promoção, não os dias comuns. Vemos o empreendedor no palco, não a solidão das decisões ruins. Vemos o

reconhecimento, não a limpeza simbólica dos banheiros que tornou aquele reconhecimento possível.

Quando só a vitrine aparece, todo bastidor parece injusto. A cultura contemporânea nos treinou a desejar apenas a cena final, iluminada, editada e emocionalmente recompensadora. Isso altera profundamente nossa relação com o trabalho, porque o trabalho real não se parece com uma vitrine. Ele é feito de dias comuns, tarefas repetidas, erros acumulados, conversas difíceis, avanços lentos, manutenção constante e pequenas entregas que quase ninguém percebe. O trabalho constrói aos poucos. A cultura do palco exige recompensa imediata.

É por isso que o trabalho comum começou a perder dignidade simbólica. Organizar, revisar, acompanhar, atender, corrigir, preparar, manter, documentar, resolver pendências, cuidar do detalhe e fazer aquilo que ninguém quer fazer passou a ser sentido como rebaixamento. O sujeito olha para a tarefa invisível e pensa: “eu sou maior do que isso”. Mas essa frase, muitas vezes, não revela grandeza. Revela incapacidade de servir a algo maior do que a própria imagem.

Toda obra relevante tem banheiro para limpar. Toda empresa tem tarefas sem glamour. Toda carreira tem fases de bastidor. Toda liderança exige resolver problemas que não dão aplauso. Toda criação exige manutenção. Toda excelência depende de uma camada de cuidado que raramente será celebrada. A fantasia perigosa da nossa época é imaginar que o trabalho valioso é apenas aquele que aparece. Na prática, o que aparece só permanece de pé porque muita coisa invisível foi feita com seriedade antes.

O teatro é uma obra coletiva. O palco depende de luz, som, limpeza, bilheteria, ensaio, segurança, operação, figurino, roteiro, direção, manutenção e silêncio. O ator aparece, mas não

sustenta sozinho a experiência. O erro da cultura do palco é confundir visibilidade com importância. Nem tudo que importa aparece. E nem tudo que aparece sustenta alguma coisa.

Essa confusão produz uma relação infantilizada com carreira, trabalho e liderança. Pessoas querem protagonismo antes de confiabilidade, voz antes de repertório, autonomia antes de responsabilidade e palco antes de consistência. Quando o reconhecimento não vem rápido, instala-se a frustração. Quando a tarefa é invisível, surge o ressentimento. Quando o processo exige espera, aparece a sensação de desperdício. A pessoa não se pergunta mais “o que esta obra precisa de mim?”. Pergunta “por que ainda não estão me vendo?”.

Mas como digo no meu livro o trabalho de ser humano, o trabalho não começa no aplauso. Começa na disposição de cuidar daquilo que ainda não dá prestígio. Começa quando alguém faz bem o que ninguém quer fazer. Quando entende que servir à obra não diminui ninguém. Ao contrário, forma caráter, repertório e confiança. Quem não suporta limpar o banheiro do teatro ainda não entendeu que o palco não é um direito. É uma consequência.